

## PARABÉNS VITÓRIA

Aniversariando Vitória (08/09) aparecem textos sobre a fundação da nossa capital. Alguns ingênuos, outros a serviço da segregação, afirmam que nossa capital foi transferida de Vila Velha após “vitória definitiva” sobre os nativos e a ilha escolhida, por oferecer “muralha de água”. Discutem até hoje a data, só oficializada em 1951, no 4º centenário. Não informam onde a suposta batalha aconteceu, líderes, heróis, mortos, documentos ou qualquer dado objetivo. Sabemos tudo sobre Maria Ortiz que, pouco depois (1625) enfrentou piratas holandeses, com água fervendo. Os ingênuos erram, levados por historiadores e mestres conservadores. Contestamos aqueles, que a serviço de uma ideologia criam versões estranhas à nossa tradição, falando em ódio e extermínio, tentando obter a linhagem puro sangue que idealizam ou copiando a história de outro país.

Desde Darwin sabemos da evolução: mudanças no ambiente selecionam, quem não se adapta desaparece; variedade de indivíduos numa espécie, é fruto de cruzamentos, raramente de mutações; troca genética, é estratégia eficiente para sobrevivência das espécies. Observe, por exemplo, as flores do hibiscos (graxa simples) ou da sumaúma (paineira) comuns no ES. O órgão masculino (androceu) fica abaixo do feminino (gineceu) possibilitando, ao descendente, herdar características de duas flores. Na autofecundação, o indivíduo se repete como um clone, não há evolução.

A transferência da capital da Vila do Espírito Santo (Vila Velha) para Vitória, foi devido a alguns fatores: Vila Velha, não dispunha de água, as fontes eram minguadas (Moreno e Inhoá) e os riachos sem queda, salgados; o solo, areal impróprio para agricultura; localização, exposta a piratas ingleses, franceses e holandeses. Vitória, tinha água boa e farta; terra fértil; localização estratégica com o canal guarnecido. A transferência ocorreu à revelia do donatário que estava em Lisboa. Patrocinada por Duarte Lemos, seu desafeto, capitão mor de Porto Seguro, proprietário da Ilha de Santo Antônio (Vitória) e aliado dos jesuítas cujo superior, bispo Sardinha, havia destruído Vasco Coutinho em Porto Seguro. A “muralha de água” nunca existiu para índios bons nadadores e exímios canoeiros. Em Vila Velha, 1566, eles foram engajados por Anchieta, para a batalha naval na Ilha de Villegaignon, baía de Guanabara, onde Araribóia salvou o 1º governador do Rio de Janeiro, nadando 5 Km. com ele nas costas. Todos os fortes foram construídos voltados para o mar visando inimigos reais: piratas. A boca do mato era vigiada por índios pedestres e os primeiros colonos vieram do Rio, em 4 caravelas, a tribo de Maracaiaguaçu. Nossa história é diferente, rica em exemplos de colaboração e entrosamento, entre nativos e colonizadores. Porque inventar uma batalha manchando com purpura a aquarela capixaba, suave, rica em cores e amores?

Anglo-saxões quase extinguiram os bretões, antigos habitantes da Inglaterra; japoneses, os ainos; espanhóis, os guanchos; árabes, os felás, ... No Brasil enriquecemos o patrimônio genético europeu e africano nos misturando com os índios. Hoje somos brasileiros, muitos como eu, têm um pé na taba. Aqui índio fica na reserva se quiser ou enquanto cobaia de antropólogos. Durante a colonização alguns foram levados para Europa, Montaigne fala de uma tribo inteira num festival em Paris, séc.XVI. A mata ainda era virgem mas, encerrado o programa, pediram para ficar, nenhum índio quis voltar. A festa de NS da Vitória, criada por Pio V (1504-1572) é boa pista da origem do nome da nossa capital. A “vitória definitiva” foi longe daqui, em Lepanto, conteve o avanço turco na Europa.

Kleber Galvêas

Ateliê Galvêas

Rua: Antenor Pinto Carneiro, 66 - Centro - Barra do Jucu - Vila Velha - Espírito Santo - Brasil - Cep.:29125-120 Telfax: (27) 3244-7115.

e-mail: atelie@galveas.com www.galveas.com

HORÁRIO: Todos os dias das 12:00 às 18:00 h. Sextas e Sábados até às 22:00